

COMENTÁRIO

"LITERATURA E FILOSOFIA: O MUNDO DE SOFIA"

Nair Leme FOBÉ

Instituto de Letras - PUCCAMP

RESUMO

O objetivo desta leitura do livro **O mundo de Sofia** é mostrar como o autor, Jostein Gaardner, viaja pelo mundo da filosofia, dando-lhe uma estrutura de romance, onde os personagens levam os leitores a descobrir as diferentes fases do pensamento filosófico. Na medida em que o autor desconstrói a história da filosofia para construí-la na forma de um romance, perde o controle dos personagens que escapam para fora do livro.

ABSTRACT

The purpose of this reading of the book "The World of Sophia" is to show how the author, Jostein Gaardner, travels through the word of philosophy, giving it the structure of a novel, where the characters lead the readers to the discovery of the different moments of the philosophic thinking. As the author deconstructs the history of philosophy to build it in the shape of a novel, he loses the control of his characters, who escape from the book.

O homem tem sempre buscado sair de seu isolamento e entrar em sintonia com os outros. Na procura de sua voz, como expressão de seu mundo, ou do mundo como por ele apreendido, vai desenvolver uma série de linguagens, das quais a língua natural verbalizada se apresenta, como diz Lotman, como o "sistema modalizante primário" e, como já nasce num mundo já-dito, vai buscar formas criativas de expressar o "já-dito" de modo diferente.

O texto, lugar de expressão e espaço de interação entre falante/ouvinte, autor/leitor, é uma dessas formas de interação e esse processo é sempre "lacunar", pois o domínio de cada um dos interlocutores é sempre parcial. A unidade se encontra no intervalo, não está nem no leitor e nem no autor. É nesse encontro que se busca a unidade que não está nem na soma dos interlocutores nem na soma dos elementos constitutivos do texto, mas no espaço, nesse intervalo, onde se presencia uma constante mutação à medida em que se faz cada leitura, fazendo do texto algo em processo e nunca um produto acabado.

Ninguém se aproxima de um texto de modo inocente, mas sempre traz um "horizonte de expectativas", construído a partir de sua história de vida e vai estabelecer com o autor uma dialética. O autor também tem em mente seu "leitor implícito" para o qual ele cria, segundo Wolfgang Iser, "uma rede de estruturas que convidam a uma resposta". A própria visão de mundo do leitor, seu "repertório de experiências" vai desencadear um processo de simbiose, onde sua própria visão de mundo pode ser repensada e modificada a partir da internalização das estruturas do texto. Este é, para Wolfgang Iser, o "leitor real" e daí vem o prazer da leitura que, segundo Iser, "nos dá a oportunidade de formular o informulado", onde o leitor assume uma parte ativa de co-autor.

As expectativas do "leitor implícito" vão se modificando a partir da leitura do título, já o colocando na posição de intervalo. Assim se dá com a leitura de "O Mundo de Sofia, Romance da história da filosofia", de Jostein Gaardner, publicado pela Cia das Letras, 1995, e traduzido por João Azenha Jr. O autor nos promete escrever sobre o mundo de **uma** Sofia e não **um** mundo **da** Sofia. O título, com sua função catafórica, anuncia um produto que nos deixa, logo de início,

com uma pergunta - que mundo é esse? O título vem apoiado por uma ilustração que nos remete ao mundo das letras, do conhecimento e do tempo, simbolizado pelo globo, a caneta, os livros, as cartas e o relógio. O estímulo que nos leva à pergunta é bem condizente com a própria proposta do autor - entrar num mundo de perguntas. Sabemos que o título é o último item colocado num texto, é a nomeação da obra, o batismo da criação, mas é o primeiro a ser lido e fazemos, como diz Ibsen, o caminho inverso, vamos à cebola de fora para dentro e só vamos chegar ao embrião no fim e, se é que podemos realmente chegar à intenção do autor, temos que fazer o caminho inverso, consumir as camadas externas. Então o que temos, em princípio, é um produto opaco, fechado, informe, que só vai ganhar sentido a partir da nossa vontade de ler, que é grandemente motivada pelo título, que age como um estimulante para o nosso apetite de leitura. O sub-título já nos esclarece mais - "Romance da história da filosofia".

Outra vez há as perguntas: O que é romance? Por que narrar a história da filosofia na forma de um romance? Quem é essa Sofia? Como é possível escrever-se um romance sobre filosofia? A expectativa que permanece é a vinculada ao saber socializado - Sofia é nome feminino e todos os seres constroem o seu mundo dentro do mundo já constituído.

Abrimos o livro e nos deparamos com um texto que se apresenta com a estrutura de um romance, com todos os seus aspectos. Assim, temos o enredo, os personagens, o local onde se passa a história, o tempo e a mensagem.

Os personagens, que, aos poucos, vão se conscientizando de que nada mais são do que protagonistas dentro de um livro, manipulados pelo autor, vão se misturando com os personagens de outros livros e de outros contextos. A princípio esses personagens vêem os outros personagens como tal e não são conscientes de que também são personagens olhando personagens. Quando se apercebem como personagens, compreendem que estão sendo manipulados pelo major e exprimem o desejo de "escapar desse livro e tomar o meu próprio caminho" (p. 380). É como se a criatura esperasse o criador "pegar no sono" para escapar, pois toma consciência de que não passa de sombra na alma de seu criador e

precisa de um anjo para ajudar na fuga, pois "só um anjo pode se rebelar contra Deus". Será que o autor compartilha com o pensamento de Shakespeare que diz que a vida é um conto narrado por um idiota e que não significa nada, daí apresenta o major que "fica brincando com sua imaginação criativa, criando um mundo às nossas custas", como diz Alberto (p. 381).

A Hilde do romance representa todos nós, leitores, que acompanhamos passo a passo o desenrolar da história da filosofia contada por Alberto à Sofia. Durante o processo de criação dos personagens algo acontece e, assim como o autor desconstrói a história da filosofia, como tem sido tradicionalmente apresentada, os personagens se desconstroem como personagens-marionetes e acabam criando vida fora do livro. Será essa uma estratégia para levar a uma indagação ou a uma insinuação da possibilidade de uma vida além da vida e que toda a filosofia e todo o pensamento filosófico ainda não conseguiu responder? Será que Shakespeare estava certo quando disse que há mais mistérios entre o céu e a terra que a "vã filosofia" possa explicar?

A busca da autenticidade para envolver o leitor e a procura da verossimilhança está clara e precisa. Os dados estão lá na narrativa, além dos personagens, o autor delimita o local - a cidade onde Sofia Amundsden mora, seu endereço: Klvervein 3, Noruega. Sofia deve entregar uma correspondência a Hilde Moller, Knag, que, depois ficamos sabendo, mora em Bjerkely. Somos informados sobre onde fica a casa, da rotina de Sofia, de seus pais, da mãe que trabalha e do pai que vive viajando, de seus bichinhos, de sua amiga Jorunn.

Outro elemento que garante a unidade narrativa é o tempo, que é marcado pela rotina escolar, pelo fim do período de aulas, o início das férias, o começo do verão, o dia do aniversário de quinze anos das duas personagens.

O livro prende os personagens numa trama que, aos poucos, vai se complicando à medida em que vão se envolvendo mais e o leitor é levado a não mais ver como verossimilhante uma história onde personagens de ficção entram na ficção proposta pelo autor. Então os personagens são apenas personagens, nada mais do que objetos na mão de um autor que deixa bem claro ao leitor que o

que está escrevendo é uma obra de ficção que também não é ficção, porque os verdadeiros personagens são os filósofos que um dia foram de carne e osso e não sombras da imaginação do criador de Hilde, Sofia, Alberto, Albert e outros que cruzam com eles. Os verdadeiros personagens do romance não existem além das fronteiras do livro mas falam de pessoas que existiram. Então onde estão os verdadeiros personagens? Atrás dos "falsos" personagens, que são as pessoas que tornam possível seu aparecimento - os filósofos e as suas idéias.

Aí está toda a engenhosidade de Jostein Gaardner. No decorrer do livro ele vai deixando bem claro que o mundo de Sofia não existe mas os personagens do Romance da história da filosofia existiram e continuam existindo pois, como verdadeiros protagonistas, sempre vão ter um lugar na memória da humanidade. Serviram-se da imaginação, do raciocínio, da reflexão e da criatividade para pensar o mundo e podem concorrer com outros personagens, também frutos da inquietação criativa do homem, como Chapeuzinho Vermelho, ou Martin, ou o ganso que levou Nils Hogersson num passeio aéreo pela Suécia e todos os outros que surgem nas páginas do livro.

Vamos caminhar pelo livro e ver como seu autor conseguiu combinar todas essas coisas.

Tudo começa com uma citação de Goethe:

Quem, de três milênios,

Não é capaz de se dar conta

Vive na ignorância, na sombra,

À mercê dos dias, do tempo.

e logo se coloca a Sofia uma pergunta: "O ser humano não seria algo mais do que uma máquina?" A estratégia narrativa se apresenta como uma estratégia filosófica - o fazer perguntas.

Logo de início cria-se uma atmosfera de suspense, como uma história de detetive e seguindo a famosa linha de Conan Doyle - Sherlock Homes e Dr. Watson - na figura do professor, fazendo o papel de Holmes, aquele que faz as perguntas para as quais já tem as respostas Sofia, apresentando o Dr. Watson, o elemento necessário para confirmação do diálogo verdadeiramente comunicativo, já que

um dos elementos tem a informação e outro que deseja receber a informação. As frases são curtas para que não se demore muito na introdução. O caminho a ser percorrido até a casa, que "parecia ficar no fim do mundo", onde atrás ficava a floresta e terminava numa rua fechada, cria a atmosfera propícia do mistério, dos cartões e bilhetes mandados por um desconhecido. Todos esses elementos, combinados com as informações da rotina de Sofia, criam, por outro lado, um clima de verossimilhança que estimula a continuação da leitura. Acompanhamos daí por diante Sofia nos seus afazeres diários, o que vai servir de âncora do real para compensar a viagem filosófica através dos tempos. Logo em seguida ficamos sabendo que Sofia está às vésperas de seu aniversário de quinze anos e que começa a receber bilhetes e cartões postais estranhos. Os bilhetes são anônimos e têm a função de fazer perguntas, sendo a primeira pergunta: - "quem é você?", o que a leva para a frente do espelho para responder: - "Eu sou você". Esse é o primeiro símbolo que é introduzido e vai ser recorrente durante a narrativa.

A resposta dada à pergunta remete ao espelho - é uma resposta invertida, como a imagem devolvida pelo espelho. Não é: - "Você, que vejo aí, sou eu que está aqui", mas "Eu sou você", como uma afirmação do eu e não da imagem.

A narrativa busca outros elementos para criar a ilusão do real: a descrição de Sofia, que não está muito feliz com sua aparência de adolescente, com seus cabelos lisos e pretos, parte de um mundo pré-dado, onde entram e saem pessoas e os animais de estimação.

Ao ser estimulada por outra pergunta: - "de onde vem o mundo?", Sofia vai para o seu mundo particular, a sua caverna, o seu esconderijo no jardim. Aí surgem dois outros símbolos que vão percorrer todo o livro: a caverna e o jardim. Os postais vêm de um país distante, do Líbano. Está dada a partida para o enredo do livro. Sofia deve levar a Hilde as notícias do pai de Hilde, um major que serve na ONU. A própria impressão do livro, os recursos grafêmicos servem para realçar as diferenças: o mundo de Sofia, o mundo da correspondência e o mundo paralelo da história da filosofia que une os outros mundos, portanto, não é por acaso que o major faz parte da ONU, entidade que busca a unificação dos povos. Fica para o leitor

a percepção de que muitas vezes não nos fazemos perguntas porque nos acomodamos com o cotidiano e de que se não quisermos perder a oportunidade de "crescer como gente" devemos voltar a ser crianças que "nascem bem na ponta dos finos pêlos" de um coelho e que assim podemos nos encantar com a mágica do viver. Só os filósofos e os questionadores têm a coragem de sair do conforto e subir para a ponta "dos pêlos do coelho" ou sair da caverna e fazer perguntas perturbadoras para tentar resolver o enigma do mundo e da existência do homem.

Assim a viagem de Sofia pelo mundo da filosofia começa com a tentativa do homem na busca de outras explicações para o enigma da existência, além das explicações míticas, e volta à Grécia de 600 aC.. A estratégia das perguntas e respostas é auxiliada por recursos simples do cotidiano para que Sofia e os leitores possam entender conceitos complicados como a teoria atômica de Demócrito que passa a ser concretizada com o auxílio das peças de montar do brinquedo Lego.

Sofia vai sendo introduzida à arte de pensar através de recursos usados pela própria filosofia mas que o autor transforma em algo acessível, como, por exemplo, a ironia socrática, com o professor fazendo perguntas simples que, no entanto, levam a uma reflexão maior. Cada capítulo, cada pensamento filosófico é, dessa forma, introduzido, às vezes com recursos lúdicos, outras vezes com elementos envolvidos de mistério, até culminar num verdadeiro palco do absurdo, onde ficção, realidade, história e filosofia se misturam e se complementam numa visão holística do conhecimento humano que chega à conclusão de que o homem pouco ou nada sabe mas que o que continua sendo importante é estimular seu dom de fazer perguntas. Enquanto o homem puder, souber e quiser fazer perguntas ele estará dando provas de que está vivo e de que o mundo ainda o encanta.

A passagem de Atenas para Platão, com a alegoria da caverna, é precedida de um momento de prazer no jardim, onde o contato com a natureza faz com que Sofia se encante "com o incrível milagre do mundo" e que descubra o papel da razão na vida dos homens e das mulheres. Esse caminhar no jardim faz com que se

torne assimilável a parábola da caverna e de como o homem 'pode ser feliz ao conquistar a liberdade fora da caverna e de como fica difícil dizer aos que não conseguiram passar da contemplação das sombras projetadas para a realidade que eles apenas têm se satisfeito com as imitações. Aqui a leitura nos faz pensar em outros textos, como o texto de **Fernão Capelo Gaivota**, que nos mostra como a gaivota que teve a coragem de voar mais alto pode ter contato com a forma perfeita e como ela se sente na obrigação de voltar e contar às companheiras como a coragem de ousar pode nos levar a outras dimensões da realidade. O autor aponta aqui a responsabilidade pedagógica da filosofia e de todos aqueles que têm contato com o saber para com os seus semelhantes mas, lembrando a metáfora do coelho e da cartola, podemos concluir que muitos não estão preparados ou estão confortáveis demais com as "imitações" e não querem ousar, não querem fazer perguntas que incomodam e que os fariam sair do aconchego do "pêlo do coelho" para ter de subir, de se esforçar para chegar à luz.

O capítulo intitulado Platão, termina não por acaso com uma série de perguntas inquietantes e estimulantes. Será que o autor tem a idéia obsessiva do "viver depois que seu corpo envelhecesse a morresse" e que o faz colocar a história de Novalis e da sua amada Sophie que morre quatro dias após completar quinze anos mas que, na verdade, não morre porque vive na sua lembrança? Também a Sofia do romance vai "morrer" como personagem, depois do seu aniversário, para continuar presente numa outra dimensão - a da ficção.

No capítulo seguinte é Sofia quem ousa perguntar e, no capítulo que recebe o título de **Aristóteles**, vamos ver como certos conceitos abstratos podem afetar a vida prática - Sofia decide arrumar seu quarto, quando descobre que a filosofia é uma forma de aprender a sistematizar e a pôr ordem nas coisas.

Daí o passar pelo Helenismo, pela Idade Média, pelo Renascimento, com sua nova visão do homem e da natureza, com a procura de um novo método científico e com uma outra dimensão de Deus; pelo Barroco, com a noção de transitoriedade e da necessidade de se aproveitar o momento, torna-se uma viagem de descobertas

para Sofia e para os leitores. Desfilam nomes, como de Thomas Hobbes, Descartes e Spinoza e sua leitura histórico-crítica da Bíblia e a apresentação do símbolo das lentes que aponta "que a tarefa dos filósofos é justamente ajudar as pessoas a verem sua vida sob uma nova perspectiva" (p. 267) e para Spinoza "o desejo de enxergar as coisas da perspectiva da eternidade". É ainda na dimensão do símbolo das lentes que o professor faz a Sofia a pergunta perturbadora, no mesmo raciocínio de Spinoza:

"Você pode muito bem dizer que **você** pensa ou que **você** se movimenta, mas será que você também não pode dizer que a natureza pensa os seus pensamentos e que a natureza se movimenta em você?" e termina:

"É só uma questão de saber através de que lentes você observa tudo isto" (p. 271).

Será que é a partir desse mesmo pensamento que o major entra, sem nunca aparecer, senão no final, na trama que ele armou, não querendo ser uma **causa externa** que manipula suas criaturas como fantoches, determinando o que acontece, mas age como **causa interna** de tudo o que acontece no mundo de Sofia, manifestando-se através das leis que regem um romance e buscando uma unidade onde todo o saber do homem, a sua vida e a natureza estão relacionados?

É no capítulo intitulado **Hume**, que o professor coloca a verdadeira postura do filósofo - aquele que não tem idéias e opiniões preconcebidas, comparando-o a uma criança que "ainda não se tornou escrava de suas expectativas". A grande virtude da filosofia é, portanto, saber experimentar "o mundo tal como é, sem acrescentar coisas ao que experimenta" (p. 296) e não tirar conclusões de sentenças do **ser** para sentenças do **dever ser**. E Sofia acompanha o professor pela galeria dos pensadores, como Locke, Hume, Berkeley e chega ao capítulo que leva o nome de Berkely, onde o autor faz um resumo do livro, agora pela ótica de Hilde, que começa a se misturar com os personagens e que, por sua vez, vai assumir também uma dupla função: de pessoa e de personagem. É pela leitura de Hilde que os ensinamentos do professor levam, agora, as duas pelo Iluminismo, passando por Rousseau, Kant, quando a narrativa é cortada por

personagens de outras histórias: a serpente marinha, depois Chapeuzinho Vermelho e Winnie-Puff, chegando a tocar o absurdo da mensagem na casca da banana, da tempestade que surge do nada, que vão servir de pano de fundo para a afirmação de que o conhecimento sobrevive a todos esses "efeitos especiais", pois "a filosofia é o oposto da magia".

Desde o início, o romance nos faz lembrar a aventura de Alice, no País das Maravilhas, onde tudo é possível e escapa à lógica conhecida e é nesse capítulo que nos defrontamos com a própria Alice, ou melhor, Sofia diz que não é ela, ao que Winnie-Puff replica: - "Não importa quem somos. O mais importante é que **somos**" (p. 363).

A narrativa ainda vai introduzir outros personagens, como Aladin, no Romantismo. É ainda nesse capítulo que o próprio recurso de ironia romântica é usado, quando o personagem diz: - "... quero escapar desse livro e tomar o meu próprio caminho" ... "pois nós não passamos de sombras em sua alma. E não é fácil para uma sombra agarrar o seu mestre, Sofia. Para isso é preciso coragem e uma reflexão madura. Mas há uma chance de conseguirmos influenciar Hilde. Só um anjo pode se rebelar contra Deus" (p. 380). Há aqui uma insinuação à revolta dos anjos e à queda ao inferno. É ainda no fim desse capítulo que o autor reflete sobre o próprio processo de escrever, de criar: - "Talvez o major também não passe de uma sombra num livro que conta a história dele e de Hilde e também a nossa, é claro, pois somos uma pequena parte da vida deles" ... "Mas é perfeitamente possível que outro autor esteja em algum outro lugar escrevendo um livro sobre o major Albert Knag, do Regimento da ONU, que escreve um livro para sua filha Hilde. Este livro trata de um certo Albert Knox, que de repente começa a mandar modestas lições de filosofia a Sofia Amundsen em Klverveien, 3" (p. 382). "Para nós, este autor seria um Deus oculto, Sofia. Embora tudo o que dizemos e fazemos venha dele, porque nós **somos** ele, nunca poderemos saber nada sobre ele. Estamos dentro de uma caixinha lá no fundo de tudo" (p. 382).

Toda essa colocação prepara o leitor para Hegel e finalmente aparece Alice em Kierkegaard. É então que a consciência social da personagem Sofia é ativada pelo encontro com Scrooge e

a menina dos fósforos, preparando-a para receber Karl Marx e o fim da filosofia da existência e o início da filosofia da ação e compreender o que Scrooge queria dizer com "Só existe justiça entre os iguais".

É em **Darwin** que as linhas do romance tocam as linhas da literatura do absurdo com a indagação feita por Metistófeles, no **Fausto**, de Goethe: - "De que serve o eterno criar, se a criação em nada acabar?" (p. 454) e a teoria do absurdo fica bem ilustrada nos seguintes versos:

Bendita a primavera da vida, breve,
Cujo sopro tudo atravessa!
A forma desaparece
Enquanto o ser para a vida desperta
Gerações se sucedem
No esforço de evoluir;
Espécie produz espécie,
Em tempos que não têm fim;
Mundos inteiros se erguem e declinam!
Mergulha nos encantos da vida, ó flor,
Na aureola da primavera;
Louvando a bondade do Eterno,
Aproveita tua curta existência
Acrescenta a ela, criativa,
Também o teu óbulo,
Breve e hesitante,
Sopra, o quanto agüentares
A tua parcela de vida ao dia eterno! (p. 455)

Para melhor preparar a compreensão da teoria freudiana, o professor e Sofia são visitados pelo rei que busca suas vestes. Aqui o professor trata da criação artística que é fruto da imaginação, que "pode criar coisas novas, mas não é ela que realmente escolhe. Não é a imaginação que **compõe**. Uma composição e toda obra de arte é uma composição surge de uma admirável interação entre imaginação e razão, ou entre sentimentos e pensamentos. O processo artístico tem

sempre um elemento de casualidade". (p. 473) E então são visitados pelos personagens de Walt Disney, frutos da imaginação sem filtro.

Quando chegamos ao **Nosso Próprio Tempo**, Hilde verbaliza o desejo de todo leitor - dar uma olhadinha na última página, logo refutado como não sendo honesto. A relação com a literatura do absurdo é reforçada quando entram em cena Nietzsche, Heidegger e Sartre. É na **Festa no Jardim** que a situação do absurdo, do livro dentro do livro, se intensifica até a desconstrução final da festa e a fuga dos personagens. No último capítulo, **A Grande Explosão**, o major (ou o autor) coloca a intenção de escrever o livro: - "decidi escrever um livro de filosofia para você. Eu tinha estado numa grande livraria de Kristiansand, e também na biblioteca, mas não encontrei nada adequado a um público mais jovem".

Se a intenção do major ao escrever um livro de filosofia para sua filha se concretizou e ele pôde organizá-lo de forma cronológica e com exemplos simples que ela pudesse entender, teve ao mesmo tempo que "explodir" ou "implodir" seu romance, pois seus personagens escaparam, "o bote se soltou", exclamou Hilde.

- "Pode apostar como é ela de novo que provocou isto aqui", disse o major, não acabando, no fim do livro, o mundo de Sofia como também não acaba a história da filosofia.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do Discurso: Fundamentos Semióticos**, S. P., ed. Atual, 1988.
- D'ONOFRIO, Salvatore. **O Texto Literário: Teoria e Aplicação**, S. P., Livraria Duas Cidades, 1983.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**, S. P., EDUSP, 1985.
- _____. **O Regime de 1964: discurso e ideologia**, S. P., S. P., ed. Atual, 1988.
- SELDEN, Roman. **A Reader's Guide to Contemporary Literary Theory**, Great Britain, Harvester, 1989.